

Maestría en Problemas y Patologías del Desvalimiento.

18 Jornada y Taller El Desvalimiento en la Clínica

13 Jornada y Taller Psicoanálisis de Pareja y Familia

Fecha: 13 de Abril 2019. UCES

Autor: CRÉSCIA DE FARIA MORAIS

Titulo: MOBILIZAÇÃO SUBJETIVA E MECANISMOS DE DEFESA DOS RESSOCIALIZADORES DE ADOLESCENTES INFRATORES À LUZ DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO

Os ressocializadores dos adolescentes infratores em privação de liberdade são os agentes responsáveis por devolver à sociedade o adolescente (de 14 a 18 anos incompletos) que transgrediu à lei e encontra-se interno em unidade de internação específica.

Minha experiência com esse tema advém de:

- Participação em Grupo de Pesquisa, em 2015, dentro de uma Unidade de Internação sobre o trabalho de ressocialização e a relação do adolescente com o ressocializador sob o enfoque da Psicodinâmica do Trabalho.
- Participação em Grupo de Trabalho com Christophe Dejours, em 2016, na Universidade de Brasília sobre Psicodinâmica do trabalho.

Minha pesquisa desenvolver-se-á conforme a psicodinâmica do trabalho, teoria que se fundamenta nos princípios da psicanálise na compreensão do sujeito com seu trabalho, o que lhe dá características de disciplina clínica ao estabelecer relações entre trabalho e saúde mental. Christophe Dejours, médico psicanalista francês, uma das principais referências em psicodinâmica do trabalho, é considerado seu fundador.

Dejours passou a questionar como, em sua maioria, os trabalhadores conseguiram driblar o adoecimento diante das condições de trabalho prejudiciais à saúde psíquica. A normalidade passou a ser o objeto de atenção.

A Psicodinâmica do Trabalho evoluiu passando pelas fases:

- 1ª fase - Inicia em 1980, buscando entender a origem do sofrimento no confronto entre a organização do trabalho e o sujeito. Inicia o estudo sobre mecanismos de

defesa que o sujeito encontra para reduzir o sofrimento, ou, pelo menos, não somatizá-lo. Era a Psicopatologia do Trabalho.

- 2ª fase – Analisa prazer e sofrimento, trabalho real e prescrito.
- 3ª fase – A partir de 1990, denominou-se Psicodinâmica do Trabalho ao explicar os efeitos do trabalho sobre a subjetivação do trabalhador e os mecanismos de defesa que eles desencadeiam. Surgem novas patologias: assédio moral, distúrbios osteomusculares, depressão, alcoolismo.

A psicodinâmica do trabalho opõe-se à psicopatologia do trabalho quanto à abrangência, ao ampliar seu campo de investigações e envolver o prazer a partir de uma contradição na qual o sofrimento psíquico assume um caráter subjetivo (a dor de um grupo seria a soma das dores de cada um). O trabalho tem um caráter coletivo, o que leva a pesquisa à compreensão de uma psicodinâmica do trabalho na qual os problemas decorrentes do trabalho (ressocialização de adolescentes infratores) não são, dessa forma, apenas dos ressocializadores ou só da unidade de internação, mas decorrentes da relação indivíduo-trabalho.

Os estudos de Dejours voltaram-se para os mecanismos utilizados pelo trabalhador para defender-se do sofrimento ao enfrentar as precárias condições de trabalho, para o processo de construção da identidade do trabalhador e para a compreensão do reconhecimento, retirando o foco das patologias.

A pesquisa com os ressocializadores responderá à questão:

Como acontece a mobilização subjetiva e os mecanismos de defesa utilizados pelos ressocializadores de adolescentes infratores frente ao sofrimento psíquico no trabalho de ressocialização?

Nesse ambiente de condições de trabalho envenenado, no entender de Dejours, o medo serve como alavanca também para a mobilização subjetiva: solidariedade e cooperação entre os trabalhadores, consequências do medo compartilhado. Associado ao medo, acontecem os altos níveis de ansiedade e sentimentos de desvalorização que levam o indivíduo a desenvolver mecanismos defensivos que lhe possibilite a permanência na organização, dentre elas a acomodação ao sofrimento.

O objetivo do estudo será identificar a mobilização subjetiva e os mecanismos de defesa utilizados pelos agentes ressocializadores frente ao sofrimento psíquico no trabalho com adolescentes infratores em privação de liberdade.

Mobilização subjetiva é o uso da inteligência prática para minimizar o sofrimento e transformá-lo em prazer na tentativa de resgatar o sentido do trabalho.

Para Freud (1923), a dinâmica psicanalítica possui uma ideia central à qual ele chama de pulsão. Os estímulos originam-se no organismo, impulsionam a mente e levam a pessoa a perseguir determinado objetivo e a satisfazer um desejo. As pulsões só desaparecem quando realizam seu objetivo, traduzido na obtenção de um prazer orgânico.

Sendo assim, esquematicamente, quatro componentes formam a pulsão: o primeiro é a força interior que impulsiona a pessoa para um objetivo; o segundo é a pressão contínua que a pulsão exerce; o terceiro é o objeto da pulsão, é aquilo que incentiva a energia pulsional a atingir sua finalidade; o quarto é a satisfação, finalidade da pulsão, que vem suprimir o estado de excitação inicial através da descarga de energia acumulada (Garcia-Roza, 1992).

Sempre que a pulsão surge, ela tende para a satisfação.

O trabalhar é um dos destinos das pulsões, segundo Freud (1930), por isso o autor considera o trabalho relevante para o desenvolvimento do homem e uma forma de orientar os impulsos libidinais e agressivos. No entanto, os mecanismos de defesa podem transformar o seu destino de muitas maneiras.

A tentativa de modificar e minimizar a percepção da realidade que faz o trabalhador sofrer é que o leva à utilização de mecanismos de defesa que servem para combater, atenuar ou até mesmo ocultar o sofrimento que lhe atinge quando confrontado com a realidade de trabalho angustiante e contra o medo de não conseguir dar conta.

Freud ainda explica melhor:

- Mecanismos de defesa são processos subconscientes elaborados de maneira que o sofrimento não solucionado ao nível da consciência seja disfarçado, suportado e o trabalho torne-se possível.
- É a luta do Ego com ideias dolorosas para proteger a personalidade contra conflitos que provocam desprazer.

Dessa forma, restam duas possibilidades à vivência de sofrimento: uma é desenvolver novas formas de realizar as tarefas, enquanto modificam a realidade que traz sofrimento a partir de um acordo coletivo em que há a contribuição de todos os trabalhadores. A segunda é uma convivência com a realidade que faz sofrer, sem transformá-la, correndo o risco de chegarem ao adoecimento.

Os mecanismos de defesa podem ser individuais ou coletivos. No caso dos ressocializadores, embora a vivência da dor seja individual, as defesas podem ser coletivas porque trabalhar é construir coletivamente o sentido do trabalho, é lutar no coletivo.

Os mecanismos de defesa mais utilizados pelos ressocializadores são:

Sublimação - a personalidade centrada no Eu transforma e direciona a energia sexual do Id para outro objetivo socialmente aceitável, que permite alcançar outra forma de satisfação. De modo geral, o trabalho criativo, o perfeccionismo profissional além do que exige a

organização podem ser considerados produto de um prazer à luz da sublimação (Garcia-Roza, 1992).

Negação – Muitas vezes, os ressocializadores demonstram desprezo pelo risco, porém, o eufemismo das situações graves é apenas uma ilusão coletiva de controle da situação, aparência para esconder uma intensa ansiedade submersa nos mecanismos de defesa (Dejours, 2012). Na unidade de internação dos adolescentes, conforme observei, para que a negação seja eficiente, ela é construída coletivamente.

A estratégia coletiva de defesa recorre à eufemização coletiva da percepção do perigo. É somente com essa eufemização que o ressocializador consegue realizar as atividades. Para esses profissionais, a negação do medo é fundamental para o enfrentamento do perigo e, aliada à adaptação, será mantenedora do equilíbrio psíquico e da autoimagem positiva dos trabalhadores (Dejours, 2012)

Projeção - O Ego não consegue aceitar algo que é seu e então atribui o que é inaceitável para si no outro.

Dessa forma, restam duas possibilidades à vivência de sofrimento: uma é desenvolver novas formas de realizar as tarefas, enquanto modificam a realidade que traz sofrimento a partir de um acordo coletivo em que há a contribuição de todos. A segunda é uma convivência com a realidade que faz sofrer, sem transformá-la, correndo o risco de chegarem ao adoecimento. Assim, a psicodinâmica do trabalho surge para mostrar a realidade psíquica individual e social.

No estado atual da arte, rastreou-se o que já foi produzido e divulgado para depois buscar o que ainda não foi explicado, ou foi por outra perspectiva, ou seja, busca-se fazer o que ainda não foi feito. Apesar da importância da temática das pesquisas sobre os adolescentes infratores, encontramos poucas pesquisas no Brasil que tenham abordado o trabalho com esses adolescentes e, particularmente o trabalho de ressocialização no espaço de privação de liberdade. Sendo assim, este trabalho torna-se relevante devido à escassez de pesquisas relacionadas ao sofrimento dos profissionais que trabalham com adolescentes infratores para que as instituições de ressocialização entendam a necessidade da mudança.

Esta pesquisa reveste-se de importância pela sua novidade na amostra e poderá contribuir ampliando as modalidades do trabalho de ressocialização do adolescente à sociedade. É preciso entender suas dificuldades a partir do uso de um espaço de fala compartilhado no qual eles ouvem as dificuldades dos colegas e pensam de modo coletivo nos desafios que o trabalho lhes impõe. É nesse espaço de fala, de expressão coletiva do sofrimento, da violência e da busca de estratégias de transformação da situação vigente que a pesquisadora, em diversos encontros com os grupos, através de seus relatos, investigou

as modalidades defensivas que surgem do consenso do grupo conforme a psicodinâmica do trabalho.

O método da psicodinâmica do trabalho compreende, para a coleta dos dados:

- a pré-pesquisa – Foi escolhido um espaço físico onde já foram ouvidos os ressocializadores. Foram realizados 4 (quatro) encontros para apresentação dos objetivos e da metodologia da pesquisa.
- pesquisa propriamente dita – 15 encontros semanais onde os ressocializadores, coletivamente, compartilharam opiniões e buscaram soluções para suportar o trabalho e preservar o equilíbrio psíquico enquanto a pesquisadora identificava a mobilização subjetiva. Para análise dos dados, será utilizada a **Análise de Conteúdo**.